

Linguagem e Alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin

Maria Bernadete Fernandes de Oliveiraⁱ (UFRN)

Resumo: Trata esse artigo de discutir a questão da alteridade na contemporaneidade e de sua relevância para o estudo de práticas sociais nas quais a linguagem é indispensável. O texto apresenta uma revisão das formas de relação com a alteridade à luz da contribuição de autores do Círculo de Bakhtin.

Palavras-chave: Alteridade, Linguagem, Posicionamento axiológico

Abstract: This paper discusses the issue of alterity in contemporary thinking and its relevance to the study of social practices where language is essential. The text is an introduction to how the Bakhtin Circle can contribute to understand the form and the content alterity might assume in discourse.

Keywords: Alterity, Language, Axiological position

Contextualizando o tema

A discussão do papel da linguagem em sua relação com a alteridade constitui objetivo principal deste artigo. O tema da alteridade emerge como um tópico relevante nas pesquisas que investigam as práticas discursivas no campo dos estudos da linguagem e naquele das Ciências Humanas em geral. O interesse pela temática ganha espaço no início do século XX, face ao fato deste início de século ter sido palco de instabilidades políticas e jurídicas, as quais culminaram com resultados nefastos das guerras mundiais, cuja barbárie pôs em xeque toda a racionalidade iluminista e a crença no progresso como instaurador da emancipação humana.

Eutomia, Recife, 21(1): 169-184, Jul. 2018

No âmbito dos estudos filosóficos, por exemplo, destacamos a contribuição de Martin Buber e de Emmanuel Levinas, considerados entre os mais destacados pensadores responsáveis pela chamada "filosofia da alteridade", ao assumir as relações entre o "eu" e o "outro" como referências para a transcendência dos limites da noção clássica e racional da subjetividade para uma proposta de uma perspectiva da "intersubjetividade".

Mais recentemente, no campo da História, a alteridade é estudada por Todorov, que em seu livro "A conquista da América: a questão do outro" analise a chegada do europeu nas Américas com base em documentos que apontam o comportamento ambíguo dos colonizadores espanhóis em relação ao mundo indígena.

Buscando também compreender "o outro" na contemporaneidade, Duschatzky e Skliar (2001) afirmam que a alteridade pode ser apreendida de várias maneiras, entre elas, destacando-se a ideia do outro como a fonte de todo mal, configurando-se a modernidade, dizem eles, como campeã em construir estratégias de demonização do outro, transformando esse outro em sujeito ausente, ou criando a perversa ética da inclusão e exclusão, ou ainda como diz Hobsbawn (apud DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001) pela própria eliminação física desse outro, fato esse que anuncia o século XX como um dos mais mortíferos da história. Nesse entendimento do outro, a modernidade taxa o diferente de forma negativa, como marginal, drogado, louco, deficiente, atribuindo positividades apenas para aqueles que se enquadram no padrão hegemônico da normalidade.

Uma das mais significativas contribuições para o estudo desse tema é o de Vygotsky, a partir de sua tese de que os processos cognitivos superiores se realizam através de relações interpessoais, pela mediação de outros sujeitos - pessoas físicas, objetos, signos-, construindo significados que impregnam os elementos do mundo cultural.

Vigotsky (1979, 1984) considera que a internalização dos sistemas de signos, produzidos culturalmente, provoca mudanças cruciais no comportamento humano, requerendo um sistema mediador, cujo protótipo é a linguagem humana.

Esse seu ponto de vista decorre de seu estudo das raízes genéticas do pensamento e da palavra, que afirma um de seus pressupostos fundamentais, qual

seja o fato de que, no desenvolvimento do ser humano, haveria um período prélinguístico no desenvolvimento do pensamento e um período pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem. Em outras palavras, o pensamento verbal, que caracteriza as funções psíquicas superiores do homem, emerge apenas quando a linguagem passa a ser utilizada como mediadora no processo de construção das relações inter e intrapsíquicas. (VIGOTSKY, 1979).

A mediação semiótica pode ser considerada de dois ângulos, enquanto uma prática social que vai categorizar a realidade, materializando-a em um sistema de signos e, de outro, exercendo um papel mediador na função planejadora e orientadora do pensamento, através do discurso interior. A " fala interior", este elo de ligação entre linguagem e pensamento, é resultado da transição das funções Inter psíquicas para as intrapsíquicas, isto é, da atividade social e coletiva para sua atividade mais individualizada.

O discurso interior tem na predicação sua forma sintática privilegiada, enquanto que no plano da semântica apresentaria o predomínio do sentido sobre o significado, uma tendência à aglutinação de palavras e dos sentidos (VIGOTSKY, 1979). De nosso ponto de vista, é a partir do entendimento deste duplo funcionamento da mediação semiótica que o autor propõe que o significado, definido como a união da palavra e pensamento, seja a unidade de análise do pensamento verbal. O significado apresenta-se com uma natureza dinâmica e que evolui, ou no seu dizer, "... não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra ..." (p. 105).

Contudo, refletir sobre a alteridade, em sua dupla dimensão, seja como elemento constitutivo do "eu" em graus e relações diferenciadas, seja como posicionamentos em relação ao outro, é uma tarefa bastante complexa.

Nesse artigo, objetivamos discutir a contribuição de pensadores ao chamado Círculo de Bakhtin¹, com relação à temática da relação entre linguagem e alteridade.

M.Bakhtin, P.Medviedev e V. Voloshinov.

-

¹ Apesar de ter conhecimento da polêmica sobre o uso do termo "Círculo de Bakhtin" continuamos a usá-lo por entender que este resume a ideia de ter existido um grupo de pensadores russos que, no início do século XX, preocupavam-se com o mundo da cultura, em seu papel de representar o mundo da vida, tendo como seus integrantes mais relevantes para os estudos da linguagem os escritores

Interessa-nos, particularmente, discutir a contribuição dos estudos do Círculo a essa temática e possíveis implicações éticas e estéticas

A alteridade e sua relação com a linguagem para o Círculo de Bakhtin

Para o Círculo de Bakhtin, a questão da alteridade é temática fundamental, abordada desde os primeiros escritos de seus pensadores, emergindo a discussão no bojo de reflexões sobre o que seria uma arquitetônica do mundo da vida, o mundo concreto, "mundo de nomes próprios", que se organiza e é vivenciado em torno dos centros de valores do eu e do outro, em três dimensões, quais sejam, eu para mim, eu para o outro e o outro para mim (BAKHTIN, 2010).

Ou seja, a construção dos valores de uma dada sociedade, comunidade, grupo social, em qualquer das esferas da atividade humana, não são inventados, nem produtos de construções abstratas. Surgem dos diversos tipos de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos no mundo da vida, constituindo-se em matéria prima para a construção dos valores que organizam os sistemas complexos do chamado mundo da cultura, nas esferas científicas, políticas, da arte entre outras.

Uma outra especificidade da relação com a alteridade, conforme presente nos estudos do Círculo, diz respeito a ideia de que a alteridade é necessária à constituição do sujeito, na medida em que o ser humano concreto é inacabado e incompleto. Uma citação, entre tantas outras, no texto, "Reformulação sobre o livro de Dostoievsky", é exemplar dessa ideia quando diz que "[...] O homem não tem um território inteiro e soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si, ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro" (BAKHTIN, 2003:341). Essa noção da não finitude da constituição do sujeito no mundo da vida aparece também em " O Autor e o Heroi" (BAKHTIN, 2003), quando ele explicita o funcionamento da relação com o outro no mundo da vida como sendo sempre temporária, isto é, não é uma relação fixa, imutável, a mesma em todos os momentos em todos os lugares, nem insere-se sempre no mesmo eixo axiológico. Mas, ao se constituir na relação com o outro, o ser humano não se dilui nesse outro, como diz Ponzio (2010), a dimensão de interconstitutividade entre o eu e o outro não instaura um movimento de reversibilidade.

Em outras palavras, a necessidade do outro para se constituir como sujeito não o torna idêntico a esse outro. Esse o cerne da não reversibilidade. A defesa radical da

singularidade do indivíduo. Para os autores do Círculo a relação com a alteridade não torna os indivíduos idênticos. Eles podem concordar com seu outro, ou para usar a metalinguagem do Círculo, manter relações dialógicas de concordância com relação a fatos, acontecimentos, pessoas etc., mas não relação de identidade, não diluir sua singularidade como ser humano. Um fato importante com relação à constituição dos sujeitos, ou seja, ao acabamento dado ao eu pelo outro ou vice-versa, é que esse processo não é aleatório, decorre de um posicionamento valorativo em relação ao outro, inscrevendo-se na ordem de relações axiologicamente marcadas.

Decorrente do processo de constituição dos sujeitos, a relação com o outro implica na incorporação da dimensão ética nessa relação. Em "Para uma filosofia do ato", Bakhtin (2010) afirma que o indivíduo não tem álibi para o ser, ou seja, o lugar que o indivíduo ocupa apenas pode ser ocupado por ele, portanto este não pode isentar-se de seus atos, instaurando a responsabilidade do sujeito agentes pelos seus atos e pelas consequências deles decorrentes.

E por fim, entra em cena o fato de que a relação com a alteridade se materializa na linguagem. Essa compreensão da relação entre o "eu" e o "tu" que qualifica o pressuposto do primado da alteridade na constituição do ser humano, materializado na linguagem, encontra-se presente em "O Problema do Conteúdo do Material e da Forma" (BAKHTIN, 1990), quando este autor vai explicitar que, no processo de construção do enunciado, o autor do enunciado ordena seu conteúdo em uma determinada forma, a partir de uma dada materialidade linguística. Ou seja, há uma relação entre a forma arquitetônica do enunciado e sua forma composicional, da qual o autor não pode se eximir.

Exemplos clássicos de relação com a alteridade podem ser encontrados nas análises que Bakhtin realizou sobre os romances de Dostoievsky e de Rabelais. Resumidamente diríamos que na obra de Dostoievsky, Bakhtin encontrou personagens que não são escravos mudos em relação ao seu autor-criador, ao contrário, são pessoas livres, capazes de colocar-se "... lado a lado com seu criador..." (BAKHTIN, 1997, p.4), para com ele concordar, discordar, rebelar-se até. Diz Bakhtin (1977) que, em Dostoievsky, dialogam com as vozes sociais, convicções sobre o mundo, sobre sistemas de referência, em pé de igualdade, sobre temas/problemas, que não se colocam no eixo de uma temporalidade marcada. O essencial dessa relação com a alteridade é a

garantia do espaço de dizer e de ser ouvido, é a presença de mais de uma consciência, de mais de um ponto de vista, sem a desqualificação do outro.

Outro exemplo encontramos na análise da obra de Rabelais (BAKHTIN, 1985), quando as relações dialógicas com a alteridade se travam em situações explícitas de confrontação e discordância entre culturas, no caso, a cultura popular e suas vozes em confronto com a cultura elitista e hegemônica da época.

Em resumo, as relações com a alteridade, conforme Bakhtin analisa, em Dostoievsky, espaço da liberdade, em Rabelais, espaço de transgressão e resistência, reforçam a afirmação recorrente e presente em vários de seus textos sobre os diferentes graus das relações dialógicas possíveis entre "eus e tus".

Contudo, nos escritos dos autores do Círculo, encontramos ainda pistas, como diria Ginzburg (1989), que apontam para elementos de uma metodologia de análise da relação com a alteridade na pluralidade das práticas discursivas. Entre essas pistas, situam-se a noção de acabamento do enunciado, cuja origem remonta à realização da atividade estética, envolvendo, ao mesmo tempo, aspectos desde os estilísticos, plásticos, pictóricos, rítmicos, temporais, espaciais até a articulação das vozes sociais e suas visões de mundo.

Medviédev ([2012) afirma que o acabamento, em seu significado primário, é uma noção própria da esfera da arte, na medida em que é nessa esfera que o autor criador dá acabamento à totalidade do seu objeto, seja em seu aspecto composicional seja em seu aspecto temático. Para esse autor e para o Círculo em geral, o acabamento, em outras esferas da criação ideológica que não a artística, é sempre relativo e não exaure o objeto em estudo. Bakhtin explicita esse ponto de vista, ao dizer que no mundo da vida não há autor-criador, portanto, o processo de acabamento nunca é do todo do eu, ainda mais porque, as respostas, no mundo da vida, são de natureza dispersa, são respostas a manifestações particulares e não ao todo do ser humano. Na vida, diz ele, "...não nos interessa o todo do homem, mas apenas alguns de seus atos com os quais operamos na prática..." (BAKHTIN, 2003, p.11).

Contudo, em nosso entendimento, o fato do acabamento nas esferas não artísticas ser sempre parcial não implica na impossibilidade da existência de uma atividade estética sobre os enunciados concretos nelas produzidos, ainda mais porque o

próprio Bakhtin afirma que "... todo texto tem um sujeito, um autor..." (BAKHTIN, 2003, p.308) e que existem vários tipos de autoria, todos com sua responsabilidade autoral.

A problemática da autoria atravessa vários textos de Bakhtin, contudo é em Autor e Herói que apresenta uma discussão mais substancial sobre o autor-criador na esfera da criação artística. Para esse autor, só o outro pode ser o centro de valores da visão artística e, por conseguinte, ser o herói de uma obra; e é esse outro que recebe um acabamento, espaço, no tempo e no sentido.

O autor-criador, responsável pela atividade estética, realiza o acabamento de sua obra, enforma esse objeto, estruturando seu conteúdo a partir de uma relação valorativa estabelecida com seu herói. A forma do todo da obra, engendrada pela operação de acabamento, contudo, não pode ser compreendida independentemente do conteúdo, nem independente da natureza do material e dos procedimentos que lhe condicionam. Em outras palavras, isso significa que a forma depende tanto do conteúdo como das particularidades do material.

No caso da palavra, material verbal significativo para as artes literárias, esta deve ultrapassar sua forma imanente para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo. Assim sendo, a relação do autor com a língua e sua utilização reflete, através de elementos estilísticos, a relação com o mundo da vida. O estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação (BAKHTIN , 2003).

Pensando essa compreensão de autoria, entendemos que, é possível autorar em outras esferas das atividades humanas, se considerarmos que qualquer enunciado como unidade de comunicação, em qualquer de suas dimensões não pode dispensar entre seus elementos constitutivos, a intenção do autor e a realização dessa intenção através do uso de elementos estilísticos e linguísticos, os quais relacionam as formas composicionais e arquitetônicas de cada enunciado, em sua relação com a materialidade semiótica específica. Nesses limites, acreditamos ser possível falar de atividade estética em processos de criação verbais não restritos à esfera artística, pautando-se no próprio

Bakhtin, para quem, qualquer enunciado "... sempre cria algo novo e singular e que ainda por cima tem relação com o valor..." (BAKHTIN, 2003, p. 326).

Em síntese, a atividade estética, a criação a partir de algo já dado, é uma atividade de dar forma, de enformar, de ornar, como diz Bakhtin (1990) e nesse processo, pela operação de dar acabamento, a atividade estética produz uma visão do seu objeto sempre permeada pelo eixo valorativo, conferido por seu autor.

À realização do acabamento, torna-se necessário o posicionamento exotópico, garantido pelo excedente de visão. Ou seja, é alguém de fora, exterior ao objeto-tema, que o emoldura e o insere em um contexto, a partir de um ponto de vista, em outras palavras, a posição espaciotemporal e axiológica do autor. A exotopia e o excedente de visão, que possibilitam o acabamento, comportam uma ressalva importante, qual seja, o fato de que esse lugar exterior não é fixo, não é qualquer lugar. É sempre um lugar social, valorado, que significa.

Dessa forma, entendemos, que à atividade estética pressupondo uma relação necessária com a alteridade, não poderia dispensar uma relação com a ética, na medida em que o autor-enunciador, a contrapartida do autor-criador em enunciados não artísticos, deveria atender ao princípio básico do não álibi para o ser, assumindo seu ato ético de posicionar-se sobre seu objeto como um ato responsável e responsivo, ainda que ressalvemos, provisoriamente, sobre certos aspectos e não em sua totalidade.

Ou seja, no caso da atividade estética, o acabamento parcial, temporário não pode ser pensado fora do eixo valorativo — relação com a ética- por consequência expressando posicionamentos ideológicos, ao se considerar que todo signo reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior (VOLOSHINOV, 2017). Acreditamos que Bakhtin torna esse pensamento mais explícito em seu texto "Arte e Responsabilidade" (BAKHTIN, 2003), quando ele diz que o ser deve responder com sua própria vida aquilo que ele realizou e compreendeu na arte, e complementando, perguntaríamos, e porque não nas outras esferas das atividades humanas?

Bubnova (1997) considera o ato ético, resultante das ações humanas valoradas que se realizam no mundo da vida como um documento assinado que não possibilita álibi para o ser, que exige um autor, responsável e responsivo. Ao mesmo tempo, diz essa autora, que o núcleo do ato ético é a responsabilidade, entendida não

como um termo jurídico, nem como uma obrigação normativa e abstrata, mas como um ato concreto que vincula o ser humano ao mundo da vida.

Assim configurado, o ato ético é ponto de partida para qualquer investigação ou formulação teórica, que pretenda dar conta da existência do ser em sua complexidade, ao mesmo tempo em que para sua realização requer a linguagem, a palavra em sua inteireza, em seu aspecto de conteúdo, imagético e valorativo, isso porque, segundo Bakhtin, a palavra cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, ou seja, em sua concretude (BAKHTIN, 2010).

A partir dessas colocações, interpretamos que a compreensão de linguagem como uma prática social, no pensamento de autores do Círculo, tem suas raízes no conceito de ato ético, aquele que se realiza no mundo da vida, formando uma unidade inseparável entre ação e linguagem, semiotizando-se no enunciado, a unidade concreta de comunicação verbal.

Os principais integrantes do Círculo, ou pelo menos os mais citados, Medviedev (2012), Voloshinov (2017) e Bakhtin (2003) concordam em afirmar que o enunciado mantém uma relação constitutiva com a realidade social, dela fazendo parte. Sua singularidade reside em ser uma realização histórica em dada época e com dadas condições sociais e é a partir dessa singularidade que os sentidos e valores dos enunciados entram no horizonte concreto dos falantes/escreventes, estabelecendo entre o sentido, o valor e o ato enunciado uma ligação cuja natureza é sempre orgânica, histórica, e concreta, existindo apenas para esse dado enunciado e não para outros.

Essa discussão permeia a noção de enunciado e se faz presente quando a noção de acabamento, uma das características fundamentais do enunciado, compreende como um de seus aspectos constitutivo, o projeto de dizer do autor. Esse projeto de dizer, também denominado de intenção discursiva, corresponde ao momento subjetivo do enunciado, assegurando uma unidade de sentido para o tema em foco, sendo limitado pelo gênero do discurso no qual se insere e também responsável pela seleção dos aspectos estilísticos que conferem visibilidade às vozes sociais que subjazem aos posicionamentos axiológicos do autor em relação ao seu projeto de dizer (BAKHTIN, 2003).

Assim é que a atividade estética, seja realizada pelo autor-criador, seja pelo autor-enunciador, instaura uma relação constitutiva com o ato ético e, nesse processo, o

autor posiciona-se sobre seu objeto de uma forma responsável e responsiva e, nas esferas não-artísticas, ressalvadas a fluidez dos movimentos da própria vida social e a singularidade do sujeito, assume sua natureza sempre provisória sobre aspectos do tema em questão. Ou seja, a intencionalidade discursiva do autor-enunciador, um dos aspectos a serem considerados ao dar acabamento ao enunciado, não pode ser pensada fora do eixo valorativo - relação com a ética - por consequência, de expressar posicionamentos ideológicos (VOLOSHINOV,2017).

A construção semiótica do posicionamento axiológico está relacionada e discussão realizada por Voloshinov (2017), a partir de sua afirmação de que o signo reflete e refrata a realidade concreta, que lhe é exterior, o que permite a inscrição nos enunciados da diversidade de pontos de vistas, das experiências históricas dos indivíduos em sua singularidade, ou dos grupos sociais institucionalizados. Ao discutir-se posicionamentos axiológicos não se pode, portanto, dispensar um olhar sobre a questão ideológica. E, aqui, fazemos um parêntese, para afirmar nosso entendimento de que, no âmbito dos estudos da linguagem, seriam os escritos dos autores do Círculo de Bakhtin, aqueles responsáveis pela noção da construção discursiva da ideologia. ²

Em resumo é através de seu projeto de dizer que o autor-enunciador expressa sua posição individual em uma situação concreta de comunicação discursiva, com relação ao objeto de sentido (tema) de seu enunciado. Por outro lado, a fonte geradora do elemento expressivo reside, de um lado, no contato que o autor estabelece entre a língua e a realidade, de outro entre seu autor e seu outro. Além disso, as palavras não são selecionadas do dicionário e sim dos enunciados alheios. Assim é que cada enunciado responde a relação do enunciador com o enunciado alheio, e não apenas com seu objeto/tema/sentido. Nesse sentido o objeto do discurso se torna palco de encontro de opiniões de interlocutores imediatos ou pontos de vista, visões de mundo.

A nosso ver, portanto essa relação da relação com a linguagem explicita aquilo que poderíamos chamar de "movimento do eu" em direção à singularidade do outro

_

² Entendemos que essa noção se constrói na proposta de se considerar que, ao lado do mundo material, existe o mundo da cultura, o mundo dos bens simbólicos, espaço privilegiado de produção de valores, de ideologia (VOLOSHINOV, 2017; MEDVIEDEV, 2012).

que lhe é diferente, desigual, estranho, enfim, das múltiplas maneiras de como o eu percebe e endereça-se ao outro, sua cultura, sua visão de mundo, (OLIVEIRA, 2007).

Mas, em nosso entendimento, as pistas metodológicas não se encerram nas noções de acabamento do enunciado e em todas as operações que essa noção acarreta. A relação com a alteridade manifesta-se também em outra dimensão, qual seja nos processos de apropriação e de transmissão da palavra alheia. Voloshinov (2017) discorre sobre as formas de transmissão e assimilação do discurso alheio, no bojo de uma discussão sobre mecanismos presentes na organização sintática da língua, tratados como discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre, pelos estudos linguísticos hegemônicos em sua época. Afirma que as formas de apropriação e transmissão do discurso alheio podem ser agrupadas em duas formas estilísticas, por ele denominadas de estilo linear e estilo pictórico. Em linhas gerais, entende por estilo linear aquele estilo cuja tendência principal é preservar o discurso do outro, mantendo ao máximo sua integridade e autenticidade. Por estilo pictórico, ele entende aquele estilo no qual as fronteiras entre os discursos do eu e do outro tendem a se apagar, atenuando-se os contornos que separam os dois tipos de discurso, podendo o autor, deliberadamente ou não, no seu dizer, tingir o discurso do outro com suas palavras, seu senso de humor, enfim com suas apreciações valorativas. Um dos tipos do discurso citado e que caracteriza o fenômeno da bivocalidade encontra suas manifestações estilísticas mais expressivas nos fenômenos conhecidos como estilização, paródia e skaz, estudados por Bakhtin (1981), a propósito do discurso na obra de Dostoievsky.

Em "O discurso no romance", Bakhtin (1990) discute mais uma vez o tema, exemplificando as possíveis formas de como o discurso do outro entra no discurso do eu, a partir de exemplos retirados das práticas discursivas literárias, no caso, do romance humorístico e, no item IV desse mesmo texto, amplia o alcance dessa temática para outras práticas discursivas.

Com base em uma das modalidades que a escolaⁱⁱ utiliza para a apropriação e transmissão do discurso alheio, qual seja "com suas próprias palavras", diz aquele autor, que, no mundo da vida, essa atividade assume um sentido "... mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem, no sentido exato do termo..." (1990, p.142), podendo a palavra surgir ou como palavra de autoridade ou como palavra interiormente persuasiva. Retoma ao que Voloshinov tratou como estilos linear e

pictórico, afirmando que a palavra de autoridade, além daquelas características do estilo linear já apontadas por Voloshinov, ou seja, de exigir o reconhecimento e a assimilação de uma forma incondicional, dificultando seu processo de transformação, em alguns casos, "... poder-se-ia dizer que ela exige não apenas aspas, mas um destaque mais monumental, por exemplo, uma escrita especial..." (BAKHTIN, 1990, p.143).

Essa natureza da palavra de autoridade é retomada em "Os gêneros do discurso", quando ele se refere ao fato de que

em cada época, em cada círculo social [...] em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom [...] sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos 'senhores do pensamento' de uma época verbalmente expressas (BAKHTIN, 2003, p. 294).

e, mais tarde em "Apontamentos", quando ele diz que a palavra de autoridade, ao comportar-se como uma palavra sagrada, exigindo uma repetição reverente, é uma palavra que "...inibe e bloqueia o pensamento..." (BAKHTIN, 2003, p.368). Ou seja, para Bakhtin, as práticas discursivas nas quais a palavra de autoridade assume papel determinante ou mesmo hegemônico, manifestam discursos que exercem relações de poder que dificultam ou impedem mesmo o posicionamento de outras vozes. Mas, é preciso também atentar para o fato de que, essa palavra, embora, possa ser levada as raias do autoritarismo, ela também cria espaço para sua contestação, tornando-se "... objeto de profanação..." (BAKHTIN, 1990, p.143), isto é, possibilitando críticas e resistências.

A palavra persuasiva, por sua vez, diferentemente da palavra de autoridade, ao ser assimilada pelo eu em seu discurso, com ele entrelaça-se, de tal forma que na consciência do eu, diz ele, a palavra persuasiva é metade dele, metade do outro. Sendo de natureza aberta, inacabada, entra em relações de tensão com as outras palavras persuasivas que as cercam, materializando diferentes pontos de vista e, face à sua natureza inacabada, possibilita sua ressignificação e revaloração em novos contextos dialógicos. É uma palavra que, diferentemente da palavra de autoridade tendente a manifestar uma única consciência, uma única voz, possibilita a emergência de mais de uma voz. Na verdade, com relação ao processo de apropriação e transmissão da palavra persuasiva o que acontece é que "... diversas vozes alheias lutam pela sua influência sobre a consciência do indivíduo..." (BAKHTIN, 1990, p.148),

de forma que, na composição do enunciado existe sempre a palavra alheia, em "...uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem..." (BAKHTIN, 1990, p.153).

Dito de outra maneira, é preciso ter claro que, mesmo a palavra persuasiva, ainda que possibilite sua apropriação de uma forma mais flexível, isso não significa que esse processo esteja isento de tensões, de contradições entre os discursos apropriados e aquele que deles se apropria. Na verdade, não se trata de entender a palavra persuasiva como o contraponto da palavra de autoridade, ou seja, aquela que seria apreendida sempre em uma relação de concordância. Muito pelo contrário, ela é fonte da "bivocalidade", que tem na ironia, na paródia, espaço privilegiado para sua realização.

Em resumo, consideramos que os textos do Círculo se constituem em referenciais teóricos orientadores dos estudos da palavra alheia e de seus processos de transmissão e assimilação pelo discurso do eu, trazendo contribuições relevantes aos estudos das práticas discursivas, além do que, na perspectiva desses autores, rompe-se com uma visão de que o sujeito está sempre assujeitado ao outro, que lhe constitui discursivamente.

Percebe-se, portanto, a complexidade que atravessa o estudo do discurso citado para esses autores, no caso, não bastando o seu reconhecimento ou identificação, mas a ideia de que a reestruturação da palavra alheia não se limita simplesmente a uma mera transposição de estruturas. Nesse sentido, lembra Voloshinov (2017) que o processo de apreensão do discurso alheio encontra no "eu", não um ser mudo, mas um ser já preenchido com palavras e as palavras alheias vão penetrar nesse mundo, a partir de um processo ativo do eu, no seu dizer " a orientação ativa do falante (escrevente) ", orientação essa que não é um passe de mágica, mas resultante de ações (atos éticos) de apreensão, compreensão e apreciação. Ou seja, o enunciado alheio, sempre já valorado, é apreendido por um eu, que o compreende e o interpreta a partir de um contexto valorativo próprio. Essa ideia vai ser retomada por Bakhtin, ao referir-se ao fato de que "... a palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química..." (BAKHTIN,1990, p. 141), daí que, diz ele,

ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (p.141) ainda mais porque, recorrendo a determinados procedimentos de enquadramento, "...pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata..." (BAKHTIN,1990, p.141).

A nosso ver, essas colocações últimas são extremamente relevantes ao estudo de como a palavra alheia é apropriada e transmitida na construção das práticas discursivas, principalmente, pensando aqui naquelas realizadas nas esferas prevalentes hoje na contemporaneidade, na sociedade do espetáculo – a mídia; e na sociedade do conhecimento – a ciência, que favorecem a manipulação do pensamento alheio, em função de seus enquadramentos.

Considerações Finais

Nesse texto discorremos sobre as relações entre linguagem e alteridade, privilegiando a discussão à luz dos autores do Círculo de Bakhtin, mais relevantes no campo dos estudos da linguagem. Acreditamos que o Círculo apresenta perspectivas teóricas e metodológicas para o enfrentamento dessa temática, em uma proposta que realça a necessidade de se apreender as relações intersubjetivas dos seres humanos, em seus discursos concretos. Entendemos ainda que para os autores do Círculo, a relação com a alteridade é fonte de construção de valores, ou seja, apresenta-se com uma dimensão dialógica, uma dimensão de interconstitutividade entre o eu e o outro, incorporando a dimensão ética e política, na medida em que esse "eu" e esse "outro" configuram-se como sujeitos que não têm álibi, instaurando a responsabilidade dos agentes pelos seus atos em relação aos outros. Assim sendo, a relação com a alteridade pode assumir formas diversas de manifestação e tipos diversos de relações, as quais deveriam ser levadas em consideração nos estudos que visam compreender como se coloca a presença do humano no discurso. Nesse sentido é salutar ressaltar que esses estudos não podem dispensar nem secundarizar as questões políticas, entendidas como relações com o poder e com a ética.

Em síntese, queremos enfatizar que orientações presentes na produção dos autores do Círculo, possibilitam compreender o outro como diferente, desigual, ou mesmo semelhante ao eu, no que tange aos seus posicionamentos, suas culturas, suas visões de mundo. Ou seja, as diferentes formas de relação entre o eu e o outro e a apropriação da palavra alheia materializam-se em práticas discursivas, semiotizando os atos éticos e suas relações dialógicas e, nesse sentido, importa levar em conta que o "eu" que se movimenta em direção ao outro, é ele próprio constituído como sujeito a partir das relações que trava com palavras de autoridade ou persuasivas, as quais, sem dúvidas darão o tom, na apreciação do "outro".

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Para uma filosofia do Ato. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

______. Arte e Responsabilidade. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma. Questões de estética e de literatura. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora Hucitec/Annablume, 1985.

_____. Problemas da Poética de Dostoievsky. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BUBNOVA, T. El principio ético como fundamento del dialogismo em Mijaíl Bajtín. **Escritos, Revista del Centro de Ciencia del Lenguaje.** n.15-16, pp.259-273, 1997.

DUSCHATZKY, S. e SKLIAR, C. O nome dos outros.Narrando a alteridade na cultura e na educação. In J. LAROSSA e C. SKLIAR (orgs) **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MEDVIEDEV, P.N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, M.B.F. de Produção do conhecimento nos estudos da linguagem - alteridade como ruptura. **Revista da ANPOLL**, v. 23, p. 198-214, 2007.

PONZIO, A. Encontros de Palavras: o Outro no Discurso. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. Lisboa: Antídoto, 1979.

_____. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VOLOSHINOV, V. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

Eutomia, Recife, 21(1): 169-184, Jul. 2018

i Maria Bernadete Fernandes de Oliveira, professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN. Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Seus interesses de investigação englobam estudos de práticas discursivas produzidas nas esferas da ciência, da educação e da mídia. mariabernadeteo1@gmail.com